

**VIDA E OBRA DE DELMIRA AGUSTINI SOB O OLHAR DE
UM TETO DO SEU DE VIRGINIA WOOLF**

Heloisa Costa Rigon¹
Jacicarla Souza da Silva²

Resumo: Virginia Woolf (1882-1941) em seu ensaio intitulado *Um teto todo seu* (1929) destaca a importância da independência feminina como aspecto primordial para o reconhecimento das mulheres como escritoras. Ao considerar a representatividade desse estudo no que tange às discussões sobre a produção literária de autoria feminina, esta comunicação pretende, a partir da vida e obra da poetisa uruguaia Delmira Agustini (1886-1914), estabelecer um diálogo entre o clássico texto de Woolf e a atuação e a produção poética de Agustini. Desta forma, espera-se evidenciar a pluralidade que o feminino pode assumir dentro da literatura produzida por mulheres dentro do contexto latino-americano, assim como mostrar a relevância das colocações feitas pela autora inglesa em seu referido ensaio. É importante mencionar que este trabalho é resultado das discussões realizadas durante os encontros do Grupo de Pesquisa “A expressividade poética das escritoras uruguaias do século XX”, coordenado pela professora Jacicarla Souza da Silva, que, por sua vez, integra o Projeto de Pesquisa em Ensino “Portal Literário: (RE)Construindo Significados”, do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas, da Universidade Estadual de Londrina.

Palavras-chave: Mulher; Literatura; Século XX.

Este trabalho é resultado das discussões realizadas durante os encontros do Grupo de Pesquisa “A expressividade poética das escritoras uruguaias do século XX”, coordenado pela professora Jacicarla Souza da Silva. O grupo integra o Projeto de Pesquisa em Ensino “Portal Literário: (RE) Construindo Significados”, do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas, da Universidade Estadual de Londrina.

Dentre as poetisas e escritoras estudadas está o nome de Delmira Agustini (1886-1914), poetisa uruguaia do final do século XIX, cuja biografia e trajetória literária serão aqui brevemente comentadas. O presente texto ainda pretende trazer à luz algumas discussões difundidas no ensaio *Um teto todo seu* de Virginia Woolf (1882-1941), como forma de estabelecer um diálogo entre os comentários realizados pela autora inglesa e a atuação desempenhada por Agustini.

Vale lembrar que o mencionado ensaio corresponde a uma conferência proferida por

¹ Estudante de Graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: helorigon@hotmail.com

Woolf em 1928 na Universidade de Oxbridge, sendo publicada um ano depois. Nesse estudo ela trata da relação entre mulher e ficção, do papel da mulher no campo da literatura. Ela conclui que para uma mulher obter a profissionalização como escritora são necessários um punhado de dinheiro (500 libras anuais, como descreve Virginia) e um espaço para escrever (ideia que dá título ao livro). Assim, pode-se dizer que *Um teto seu* refere-se a uma metáfora da independência feminina, da existência de um espaço indispensável ao processo da profissionalização da mulher como escritora.

É justamente ao pensar nessa necessidade fundamental destacada por Woolf que Agustini pôde ser reconhecida como escritora. Ela teve o privilégio de ser apoiada pela família. Sua mãe, uma argentina que tinha um conhecimento cultural grande, incentivava a filha a escrever. E seu pai, um comerciante filho de franceses, que, por meio de seu trabalho, possibilitou que a família tivesse boas condições financeiras, contribuindo, assim, para uma boa formação escolar da filha.

O meio social que Delmira frequentava também favoreceu o vínculo com intelectuais. Os uruguaios María Eugenia Vaz Ferreira e Roberto de las Carreras, bem como o autor nicaraguense Rubén Darío foram alguns deles. Este último teve uma grande contribuição para o reconhecimento do trabalho de Agustini no cenário literário da época através do prefácio escrito no livro *Los cálices vacíos* de 1913:

De todas cuantas mujeres hoy escriben en verso ninguna ha impresionado mi ánimo como Delmira Agustini ni, por su alma sin velos y su corazón de flor. A veces rosa por lo sonrosado, a veces lirio por lo blanco. Y es la primera vez en que en lengua castellana aparece un alma femenina en el orgullo de la verdad de su inocencia y de su amor, a no ser Santa Teresa en su exaltación divina. Si esta niña bella continúa en la lírica revelación de su espíritu como hasta ahora, va a asombrar a nuestro mundo de lengua española. Sinceridad, encanto y fantasía, he allí las cualidades de esta deliciosa musa. Cambiando la frase de Shakespeare, podría decirse « that is a woman », pues por ser mujer, dice cosas exquisitas que nunca se han dicho. Sean con ella la gloria, el amor y la felicidad. (DARÍO, 1913, p.3, grifos nossos)

As afirmações feitas por Rubén Darío, além de evidenciar a sua admiração pela obra de Delmira, também deixam implícito o seu entendimento em torno da poesia de autoria

e, de certa forma, a sua surpresa ao se deparar com a obra de Agustini que “*por ser mujer, dice cosas exquisitas que nunca se han dicho.*” (DARÍO, 1913, p.3)

Além da ideia da profissionalização como escritora, Virginia Woolf, no seu ensaio também destaca os diversos tipos de preconceitos enfrentados pelas escritoras, às vezes, simplesmente pelo fato de querer se dedicar a essa profissão. Como lembra Woolf, elas foram ridicularizadas, inclusive pelo próprio talento, ora pela família – marido e/ou pais – ora pela crítica da época. Podemos dizer que um dos preconceitos que Delmira enfrentou foi pelo próprio estilo literário de sua obra. Apesar de a sua escrita ter sido elogiada, como mostra a crítica apresentada de Darío, sua obra foi rotulada pela crítica tradicional como emotiva, impulsiva e que, por sua vez, estaria desprovida de literariedade.

Woolf ainda comenta no seu ensaio sobre algumas escritoras que tinham uma personalidade forte como Jane Austen – autora de *Razão e Sensibilidade* – e Emily Brontë – autora de *O Morro dos ventos uivantes*:

Que talento, que integridade deve ter sido necessária diante de toda aquela crítica, em meio àquela sociedade patriarcal, para que elas se ativessem à coisa tal como a via, sem se acorvadarem. Apenas Jane Austen conseguiu, e Emily Brontë. [...] Elas escreveram como as mulheres escrevem, e não como os homens. (WOOLF, 1985, p. 98).

Podemos afirmar que essa mesma personalidade vigorosa, que acaba desafiando os valores impostos pelo patriarcado, está presente em Delmira Agustini. Um exemplo que demonstra como ela se opôs aos padrões tradicionais da época foi o fato dela ter abandonado o marido 2 meses depois do casamento, o que naquele momento representou um escândalo.

Me voy sin ninguna fuerza exterior. Yo sola como esta resolución irrevocable. No te digo que insistas, porque si insistieras ante mí, te empequeñecerías ante tu propia dignidad de hombre, que sé que es grande. No debemos vernos más. Yo tomo esta resolución para evitar el disgusto de la despedida. No sé cómo decirte que no te preocupes absolutamente de cualquier cosa mía que quieras disponer; nadie en el mundo lo sabría. Te jura aquella que te quiso tanto y que hoy se aleja de ti impulsada por el destino que es invariable. (AGUSTINI, 1913 apud VIROGA, 1999, p.76)

Nesse bilhete de despedida, notamos como ela era uma mulher convicta em suas

decisões. Outro aspecto que também chama atenção é a maneira como ela desafiou os padrões da época principalmente em relação ao seu entendimento sobre o matrimônio; ela o via como uma forma de aprisionamento. No entanto, a atitude relacionada ao divórcio fez com que seu marido, Henrique Job Reyes, matasse-a com dois tiros na cabeça em julho de 1914.

Não somente a vida de Agustini teve grandes repercussões dentro do contexto social do Uruguai do começo do século XX, mas também a sua obra que se sobressaiu das demais produções daquele período. Podemos dizer que o livro já citado *Los cálices vacíos* é a obra em que Delmira consolida-se como poetisa. Nele encontra-se uma seleção de poesias nas quais já estão acentuadas particularidades que percorrerão o longo da sua obra. Algumas dessas peculiaridades podem ser observadas no poema “Tres pétalos a tu perfil”, que faz parte do mencionado livro.

TRES PÉTALOS A TU PERFIL

En oro, bronce o acero

Líricos, grabar yo quiero

Tu wagneriano perfil

Perfil supremo y arcano

Que yo torné casi humano:

Asómate a mi buril

Perfil que me diste un día

Largo de melancolía

Y rojo de corazón:

Perfil de antiguos marfiles,

¡Mi lira es tu medallón!

Perfil que el tedio corona,

Perfil que el orgullo encona

Y estrella un gran ojo gris,

Para embriagar al Futuro,

Destila tu filtro oscuro

En el cáliz de este lis.

(AGUSTINI, 1968, p.11, grifos nossos)

Já de início o leitor se depara com o título “Tres pétalos a tu perfil” que remete ao campo lexical das flores, vocabulário bastante recorrente na obra de Delmira. Aqui ele está representado pelo vocábulo *pétalos*. Essas três pétalas correspondem a uma metáfora de três perfis, representados em cada uma das três estrofes, que a voz enunciadora do poema vai revelando ao longo dos versos. A forma de tratamento “tú”, que na língua espanhola é informal, é utilizada no poema, o que reforça a intimidade do eu lírico com seu interlocutor.

Na primeira estrofe, o eu lírico, além de mencionar alguns metais, utiliza o termo “wagneriano”, que remete à música pós-romântica do alemão Richard Wagner (1813 – 1883), para caracterizar este perfil que nos sugere algo tanto tumultuoso como inovador, musical e sofisticado:

*En oro, bronce o acero
Líricos, grabar yo quiero
Tu wagneriano perfil
Perfil supremo y arcano
Que yo torné casi humano:
Asómate a mi buril*

(AGUSTINI, 1968, grifos nossos)

Também devemos destacar a união entre os elementos que aludem ao sagrado e ao profano. Nos versos quatro e cinco da primeira estrofe declara o eu lírico: “*Perfil supremo y arcano / Que yo torné casi humano*” (IBIDEM, p.11).

Trata-se, sem dúvida, de um dos aspectos presentes na obra de Delmira Agustini. Nesse próprio livro – *Los cálices vacíos* – podemos encontrar outros poemas que apresentam esse mesmo encontro.

Já na segunda estrofe, o “marfim” (*marfiles*) e o “medalhão” (*medallón*), citados no quinto e quarto verso, respectivamente, nos traz a ideia de algo superior/nobre, criando uma distância entre o eu lírico e o perfil tão valorizado:

*Perfil que me diste un día
Largo de melancolía
Y rojo de corazón:
Perfil de antiguos marfiles,
¡Mi lira es tu medallón!*

(IBIDEM, p.11, grifos nossos)

E, por fim, na terceira estrofe, o conteúdo presente nesse perfil, ornado (“*coronar*”) pelo tédio e que o orgulho inflama (“*enconar*”), tem a finalidade de embriagar o Futuro:

*Perfil que el tedio corona,
Perfil que el orgullo encona
Y estrella un gran ojo gris,
Para embriagar al Futuro,
Destila tu filtro oscuro*

En el cáliz de este lis.

(AGUSTINI, 1968, p.11, grifos nossos)

Outra característica da obra de Delmira que também está nesse poema, é a ambiguidade que ela traz para falar sobre sua própria poesia. Em um primeiro momento, podemos supor que o eu lírico se refere a uma pessoa, mas uma análise mais atenta deste texto, assim como grande parte dos poemas que compõem *Los cálices vacíos*, nos permite afirmar que se trata da sua própria poesia, ou seja, por meio da metalinguagem, a poetisa propõe (re)pensar sobre sua produção poética. Observamos aqui um diálogo, se assim pode-se dizer, com a sua própria poesia, em uma tentativa de (re)defini-la e mostrar um dos perfis que a compõe. Além disso, é possível inferir que tais descrições representam os diferentes movimentos literários cujas tendências vão sendo transformadas e dando origem aqui a uma outra poesia que, apesar de ter elementos característicos dessas escolas, se diferencia delas. A presença do ouro, dos metais, do lirismo, do adjetivo wagneriano remetem à poesia romântica, como também os marfins e a grande melancolia reportam ao decadentismo. É na última estrofe que o eu lírico evoca, a partir do uso do verbo no imperativo “destila” – modo verbal que aparece no poema somente duas vezes –, uma poesia que para proporcionar ao futuro o seu deleite poético necessita ser nutrida no cálice da flor de lis.

Não restam dúvidas de que a escolha pelo lírio não foi arbitrária, uma vez que ele é composto, como se sabe, por três pétalas, que já aparecem anunciadas no título do texto poético. Por outro lado, o cálice corresponde à parte da planta que agrega o “conjunto de flores ou de peças florais que, situadas no mesmo plano horizontal, partem de um eixo sustentador comum” (AURÉLIO, 1998). Em outras palavras, é a parte vital da planta, onde se localiza o seu sistema reprodutor que pode gerar e criar “outras estirpes” – para aludir ao poema “*Otras estirpes*” também presente em *Los cálices vacíos*. A flor de lis também é considerada símbolo do feminino, da fertilidade, do nascimento, o que reforça a ideia da presença de um lugar de enunciação que está em busca da (re)descoberta de uma nova poesia, desprendida dos valores predominantemente masculino.

A distância estabelecida entre o universo feminino, o qual se identifica a voz enunciativa do poema, e o universo masculino está evidenciada pela utilização dos pronomes dêiticos, como se nota com os possessivos “meu” e “teu” (*Mi lira es tu medallón*). Essa

diferenciação põe em destaque que o “teu” está relacionado com o que está fora, com que o eu lírico não se reconhece: “*Destila tu filtro oscuro/ En el cáliz de este lis*” (AGUSTINI, 1968, p.11). O uso do pronome demonstrativo “este” reforça essa distinção entre “yo e tú”, “mi e tu”, masculino e feminino, entre a imposição de tendências e a busca por uma poesia própria.

Podemos notar tanto em *Um teto todo seu* de Virginia Woolf como na poética de Delmira Agustini uma busca pelo “autoentendimento”, se assim pode-se dizer, em torno do papel ocupado pela mulher no campo da ficção. É curioso observar que, apesar delas estarem inseridas em contextos diferentes, uma na Inglaterra, outra na América do Sul, os anseios são bastante comuns no que diz respeito à reivindicação por “um teto todo seu”.

As semelhanças que ocorrem entre as duas escritoras não são incomuns. No livro *O sul e os tópicos: ensaio de cultura latino-americana*, de Ana Pizarro, constatamos que algumas escritoras da América Latina, sem muitas vezes se encontrarem, dialogavam com os mesmos afins. Como parte do “*invisible college*”, Pizarro cita além de Delmira, Juana de Ibarbourou (Uruguai), Alfonsina Storni (Argentina) e Cecília Meireles (Brasil). Pizarro as define como:

Um grupo articulado virtualmente em diálogo de leituras, silencioso, escrito e também realizado por meio de encontros. Um grupo disperso pelo continente que tem uma postura comum, na diversidade de seus discursos diante do espaço da mulher escritora e diante da sensibilidade estética das primeiras décadas do século na América Latina. Este grupo –ou rede- condiciona internamente a potencialização dos discursos individuais e marca, em seu conjunto, um momento primeiro, mas definitivo, no âmbito latino-americano, do discurso da mulher intelectual. (PIZARRO, 2006, p. 93).

Portanto, esse grupo invisível para a sociedade conseguiu ter destaque e, posteriormente, alcançou um considerável prestígio no campo da literatura. Dentre as escritoras citadas, encontra-se a brasileira Cecília Meireles que foi uma grande leitora de Agustini. Meireles escreveu que a uruguaia abriu um espaço no cenário literário para futuras escritoras trabalharem com mais liberdade na literatura. Destacamos também que nenhuma mulher, até então, havia se pronunciado como ela, “homem nenhum tampouco.” (MEIRELES, 1959, p. 72).

Para finalizar, cabe mencionar que em uma breve pesquisa realizada, não foram

encontradas traduções em língua portuguesa do poema aqui analisado, nem de outros de Delmira, pertencentes à obra *Los cálices vacíos*. Destacamos também o pequeno interesse entre os profissionais da área da educação em incluir a poesia de autoria feminina tanto em sala de aula como em materiais didáticos.

Tendo em vista essas dificuldades, a produção realizada por mulheres, assim como a poesia, ficam à margem da historiografia tradicional, mesmo quando se trata de uma figura canônica, como é o caso de Delmira. Neste sentido, torna-se importante o papel da crítica feminista em rever o lugar ocupado por essas mulheres, uma vez que um dos seus propósitos é rever a maneira como a crítica tradicional silenciou e rotulou essas vozes, transmitindo, inclusive a falsa ideia de inferioridade aos demais escritores literários. Esse é outro ponto destacado por Woolf em seu ensaio. A perplexidade dela em não encontrar nada sobre escritoras antes do século XVIII no Museu Britânico – local onde teoricamente deveríamos encontrar material histórico: “Foi-se até o balcão, pegou-se um pedaço de papel, abriu-se um volume do catálogo e.... Os cinco pontos aqui indicam cinco minutos distintos de estupefação, assombro e perplexidade”. (WOOLF, 1985, p.36).

Se autoras como Virginia Woolf se mantivessem caladas diante da “invisibilidade” a qual as mulheres foram submetidas, esse espanto poderia continuar ao longo dos séculos. Felizmente essa observação pertence ao passado, uma vez que o reconhecimento profissional das obras de autoria feminina, ainda que tímido, já não está confinado ao completo desconhecimento. No entanto, se continuarmos marginalizando produções artísticas que tendem a dar voz a grupos historicamente silenciados, estaremos contribuindo para que outros nomes e, sobretudo, o conhecimento sejam ignorados.

Referências

AGUSTINI, Delmira. *Antología poética*. Selección, estudio y notas por Silvia Viroga. Montevideo: Santillana, 1999.

_____. *Los cálices vacíos*. Buenos Aires: Centro Editor de America Ltina, 1968. p. 11.

AURELIO, Buarque de H. F. *Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

DARÍO, Rubén. Prefacio. In: AGUSTINI, Delmira. *Los cálices vacíos*. Disponível em: <http://www.damisela.com/literatura/pais/uruguay/autores/agustini/calices/portico_p3.htm>. Acesso em: 20 ago. 2012.

MEIRELES, Cecília. Expressão feminina da poesia na América. *Três conferências sobre cultura hispano-americana*. Ed. Departamento de Imprensa Nacional – MEC. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura, 1959. p. 61-104.

PIZARRO, Ana. O sul e os tópicos: ensaio de cultura latino-americana. Niterói: UFF, 2006.

VIROGA, Silvia. Sobre la vida y la obra de Delmira Agustini. In: AGUSTINI, Delmira. *Antología poética*. Selección, estudio y notas por Silvia Viroga. Montevideo: Santillana, 1999. p.73- 88.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.